

A ANGÚSTIA E A ADOLESCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA¹

Cherry Fernandes Peterle²
Hítala Maria Campos Gomes³

RESUMO: O objetivo deste artigo é traçar um breve histórico sobre como a psicanálise pensa a angústia e como ela (a angústia) se manifesta nos adolescentes na sociedade atual. Freud colocava a angústia como angústia diante de algo e a ligava a uma perda de objeto. Lacan, por sua vez, localiza a angústia a partir da presença de um objeto. Com isso, a angústia não estaria ausente da constituição do desejo. Ela deixa de se situar na relação Edípica e já aparece no desamparo inaugural do sujeito. Mas, como pensar a angústia na sociedade contemporânea? Como o adolescente lida com isso? A psicanálise tenta responder tais questões ao entender que a angústia que surge na adolescência é reflexo do novo desejo que os agita e de tantas possibilidades oferecidas pela sociedade. Dessa forma, por meio da análise o adolescente poderá encontrar um lugar para seu sofrimento e uma tentativa de criar novos sentidos e inventar novas formas de ser.

PALAVRAS-CHAVE: angústia; psicanálise com adolescentes; angústia nos adolescentes; tratamento psicanalítico.

Este trabalho é fruto do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”, e tem por objetivo traçar um breve histórico sobre as considerações estabelecidas sobre a angústia, numa perspectiva psicanalítica (Partindo de Freud até a contemporaneidade), bem como sua relação com a adolescência.

I - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANGÚSTIA

Em seu texto *Além do Princípio do prazer* (1920), Freud, traz uma importante constatação a respeito do funcionamento psíquico, que não é regido somente pelo princípio do prazer, mas muitas vezes o indivíduo volta-se para o próprio desprazer.

Dessa forma, é possível dizer que:

[...] existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (FREUD, 1920, p.19)

Isto posto, Freud (1920) acrescenta que o princípio do prazer poderá ser inibido de algumas formas, uma delas é por meio do princípio da realidade, que adia a obtenção do prazer, e assim, torna-se responsável por algumas experiências desagradáveis.

A outra forma que ele se refere em seu texto é ao processo de repressão. Quando uma

¹ Trabalho desenvolvido a partir do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”, realizado durante o ano de 2017, na Faculdade Multivix (Cariacica/ES).

² Graduanda em Psicologia da Faculdade Multivix (Cariacica/ES) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”.

³ Psicóloga Especialista em Psicologia Clínica e da Família, Psicanalista, Professora do departamento de Psicologia da Faculdade Multivix (Cariacica/ES e Vila Velha/ES), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa “Psicanálise com crianças e adolescentes na contemporaneidade”.

pulsão individual se mostra incompatível com o objetivo, ela é reprimida e afastada inicialmente, até que encontre um caminho indireto para alcançar a satisfação, como é o caso das pulsões sexuais.

Esse acontecimento, que inicialmente seria uma oportunidade de prazer, acaba tornando-se um desprazer, “[...] não há dúvida, porém, de que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal”. (FREUD, 1920, p.21)

Para Freud (1920) a maior parte do desprazer experimentado é perceptivo, seja por parte de uma pulsão insatisfeita ou por uma percepção externa aflitiva, como por exemplo, as ameaças de ‘perigo’.

Dessa forma, a angústia é um estado particular de se esperar pelo perigo, e segundo Freud (1920) é um fator que pode produzir a neurose traumática⁴.

A noção de angústia foi modificada ao longo de toda a obra freudiana, mas em 1895 ele já falava da angústia enquanto uma reação ao perigo:

A psique é invadida pelo *afeto* de angústia quando se sente incapaz de lidar por meio de uma reação apropriada com uma tarefa (um perigo) *vinda de fora*; e fica presa de uma *neurose* de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) *vinda de dentro* – em outras palavras, *ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora*. (FREUD, 1895, p.112)

Em vários outros artigos – Rascunho E (1894), A interpretação dos sonhos (1900), Gradiva (1907), Repressão (1915), Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) – Freud mantém a posição de que a angústia surge da libido a partir do processo de repressão. (FREUD, 1926)

É somente em “Inibição, sintoma e angústia” (1926, p.131/132), que ele modifica a teoria que sustentou por tantos anos, e afirma que é a angústia que produz o recalque, uma vez que esta já se encontraria no ego. “É sempre a atitude de angústia do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão. A angústia jamais surge da libido reprimida”.

Ele faz, ainda, uma distinção entre angústia automática e a angústia como um sinal.

Com isto, Freud traz à luz a questão do trauma do nascimento como uma angústia primeva, devido à separação do bebê de sua mãe, sendo a angústia automática aquela que surge quando algo semelhante ao trauma do nascimento ocorre no Id, causando uma reação automática. Já a angústia como um sinal se produz a partir de uma situação de perigo, sendo, portanto, uma tentativa do ego, que já experimentou o trauma passivamente em outro momento, de dirigir o curso deste. (FREUD, 1926)

Neste momento, então, a angústia é um signo que vai disparar o recalque e o resultado seria o sintoma. Desse modo, o sintoma não mais corresponde à angústia, mas sim a “[...] uma elaboração primária, uma solução primária ao problema da satisfação pulsional” (VICENTE, 2000, p.156)

⁴ A neurose traumática é uma condição que ocorre após graves lesões do sistema nervoso devido às causas externas e outros tipos de acidentes graves. O quadro sintomático dela aproxima-se da histeria pelos seus sintomas motores semelhantes. Contudo, os sinais de indisposição, como a melancolia e hipocondria, são mais fortes. (FREUD, 1920)

É importante lembrar que, mesmo colocando a angústia como angústia diante de algo (*etwas*), Freud não considera que esta tenha um objeto, ao contrário do que Lacan afirmará em um momento posterior.

No final de sua obra, Freud reafirma que é mesmo, a angústia, que produz a repressão, isso porque, “[...] a angústia já existia antes”. (FREUD, 1933, p.89)

E assim, acrescenta que a partir de um sinal de angústia, que o ego faz uso de uma catexia experimental, despertando o princípio do prazer-desprazer, com isso poderá surgir um novo sintoma, um ataque de angústia, ou mesmo as repressões. (FREUD, 1933)

Dessa maneira, enquanto Freud liga a angústia a uma perda do objeto, Lacan localiza o surgimento da angústia a partir da presença do objeto, “[...] a angústia não é *objektlos*, não é sem objeto”. (LACAN, 2004, p.175)

Este não é um objeto qualquer, um objeto normal, comum. Seria o objeto *a*, causa do desejo, um referente à angústia. (VICENTE, 2000)

Num primeiro momento, no *Seminário X: A angústia*, Lacan (2004), relaciona a angústia com o desejo do Outro, “Que objeto *a* eu sou para esse desejo do Outro?”, já que é justamente a partir da incidência da demanda do Outro que algo se destaca.

Além disso, ele aborda algo fundamental, que muda um pouco a direção do seminário, que seria o desejo enquanto remédio para angústia. (BESSET, 2002b)

Desse modo, mesmo que não se consiga acessar e localizar a angústia, ela não está ausente da constituição do desejo, que por sua vez trata-se de um engano, uma ilusão. (MILLER, 2005)

Nesse sentido, a pulsão tenta se satisfazer incessantemente, e quando ocorre alguma contradição no funcionamento do princípio do prazer, a angústia aparece, então, como sinal do real.

A angústia marca, portanto, a impossibilidade de satisfação da pulsão. “Essa situação se repete indefinidamente porque o encontro com o significante é sempre faltoso do ponto de vista da satisfação”. (VICENTE, 2000, p.158)

Isso ocorre não pela finalidade da pulsão em si, mas pelo objeto.

A partir disto, Miller (2005, p.40) afirma: “A angústia é a via [...] que permite aceder ao que é anterior ao desejo e a seu objeto”.

Lacan (2004, P.178) vai além ao colocar a angústia como uma via de acesso ao real, já que é uma angústia diante de algo (*Etwas Reale*). “Foi nesse sentido que ousei formular diante de vocês que a angústia, dentre todos os sinais, é aquele que não engana”.

Nesse sentido, pode-se dizer que a angústia é sinal do real. (LACAN, 2004)

A angústia que Lacan trata em seu seminário, portanto, se relaciona a um atravessamento da realidade ao real, “[...], com isso, é correlativa de uma falha do significante.” (MILLER, 2005, p.17)

E é devido a isso que mesmo num registro significante há algo impossível de se escrever

e de se nomear, que seria o objeto pequeno *a*, o qual a angústia se utiliza para fazer esse atravessamento até o real.

Dessa forma, a angústia deixa de se situar na relação Edípica, e é no desamparo inaugural do sujeito que há a tentativa de significação de algo que se perdeu e que a angústia aparece.

II - OS ADOLESCENTES E A SUA RELAÇÃO COM A ANGÚSTIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: EXITE UMA ALTERNATIVA?

Partindo da consideração lacaniana que a angústia surge pela presença do objeto, como pensar a angústia nos adolescentes da sociedade contemporânea?

Atualmente, há uma predominância de objetos na cultura: gadgets, roupas, tênis, bolsas, maquiagens, entre tantos outros, que operam uma ilusão de encontrar no Outro algo que venha completar essa falta, como se fosse possível evitar, ou até mesmo curar a angústia.

Os adolescentes fazem isso o tempo todo. Diante de tantos objetos de gozo disponíveis na sociedade atual, que são cada vez mais acessíveis e diversos, eles (os objetos) se tornam as novas bússolas para as crianças e adolescentes que se encontram sem uma orientação. (LACADÉE, 2014)

Isso porque, muitas vezes os próprios pais se perdem diante de tantas novas exigências da sociedade. Ficando sem uma orientação, sem um ponto de apoio, como eles poderiam orientar os filhos?

O que se nota é que muitos pais precisam trabalhar fora, por vezes, encontram com os filhos somente à noite, e tem em mente que precisam compensar esta ausência através de coisas materiais, ou ainda, que justamente por estarem muito distantes, não podem “traumatizar” seus filhos nos momentos em que estão juntos. A partir deste pensamento, os pais tentam ao máximo evitar que algo falte ao filho ou que o algo cause algum sofrimento a eles.

Contudo, ao fazer isso, eles na maioria das vezes impedem que os filhos aprendam a lidar com os seus próprios sofrimentos, suas angústias e suas faltas, que são inerentes ao ser humano.

Numa tentativa de recuperar o gozo perdido, os adolescentes ficam, então, aprisionados aos aparelhos e dispositivos eletrônicos (celulares, tablets), como se isso fosse amenizar a angústia que os consome. (LACADÉE, 2014)

Com isso, muitos adolescentes abrem mão de um saber sobre o que sente e se utilizam dos objetos como modo de não pensar sobre o que os afligem ou, ainda, para evitar a necessidade de ter que tomar uma decisão.

A sociedade atual, ao colocar tantos objetos disponíveis e que podem ser alcançados ao mesmo tempo, retira também destes adolescentes a possibilidade e a necessidade de se fazer escolhas, e tomar algumas decisões.

Dessa maneira a psicanálise entende que o sofrimento ou o modo de agir em momentos de crises dos adolescentes, são reflexos do novo desejo que os agita, e esta escuta se torna a possibilidade de trazer para a linguagem aquilo de insuportável e angustiante. De acordo com Lacadée (2011, p.107):

[...] a experiência de uma psicanálise permite, em vez de adormecê-

los, mantê-los acordados em face do real, haja vista o estado necessário ao espírito ser o despertar. [...] o sujeito pode se tornar, para si mesmo, uma luz que lhe permite passar através do que obscurecia a sua vida.

Miller (2005, p.17) acrescenta ainda que, ao contrário do que se espera, o lugar da psicanálise não é de curar a angústia, já que ela tem uma relação com a perda do objeto pequeno a que é próprio do sujeito barrado.

[...] a abordagem psicanalítica da angústia tem uma profundidade histórica que faz com que a noção mesma de curar a angústia tenha algo de vão, tenha algo de deslocado. Isso vai longe. O que quer dizer que, aqui, a angústia se coloca fora dos limites desenhados pelo sujeito do significante; [...] Há evidentemente, um para além do embaraço, o embaraço que é próprio do sujeito barrado; [...] onde está ausente toda orientação enquanto significante.

Além do mais, a angústia tem seu lugar e função no tratamento, se por um lado ela pode ser sinal para o sujeito desejante, por outro, ela funciona do lado do analista, “[...] cujo desejo opera no sentido de fazer avançar o tratamento”. (BESSET, 2002b, p.105)

Cabe ao analista perceber o quanto dessa angústia que o sujeito é capaz de suportar.

Isso porque, muitas vezes, ela pode funcionar como um balizamento, um guia ou sinal evitando em alguns casos a produção de um sintoma, uma vez que incide “[...] sobre o percurso de um sujeito na via da construção de um saber sobre aquilo que o causa”. (BESSET, 2001a, p.12)

Há, então, um grande desafio para clínica, pois como é possível dar lugar à palavra e ao desejo numa sociedade onde impera o gozo, o declínio do pai e a ausência dos sintomas?

Muitos adolescentes buscam hoje a análise a partir dos tropeços com o real e das falhas na tentativa de se defender dele. Dessa forma, a análise apresenta a possibilidade de ir além do sintoma que mortifica, possibilitando ao sujeito sustentar sua mudança de posição subjetiva diante do discurso familiar, e ainda, tentando encontrar para seus deslizos, para suas angústias um ponto de maior estabilidade.

Dessa forma, o adolescente poderá tentar ser de um modo diferente, ser do seu modo, sem que para ser notado precise praticar atos violentos e que podem até mesmo levar à morte, como por exemplo: o enfrentamento de limites, excesso de bebida, drogas, esportes radicais, entre outros.

Assim, através do acompanhamento psicanalítico, é possível ao adolescente, encontrar um espaço para sua subjetividade e tentar encontrar saídas diante deste encontro com o real - que muitas vezes é tão assustador e angustiante.

Por meio deste espaço terapêutico, o adolescente poderá encontrar um lugar para o seu sofrimento, um espaço de escuta, não apenas para falar o que sente, mas para criar novos sentidos e inventar novos modos de se expressar e de se fazer existir.

REFERÊNCIAS

BESSET, V.L. **Angústia**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. O analista e suas relações com a angústia. **Psicologia em Revista**, Belo horizonte, v.8, p.105-110, jun 2002b. Disponível em: <
http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154

819.pdf > Acesso em: 26 nov. 2017.

_____. Quem tem medo da angústia? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. IV, n.1, p.11-8, 2001a.

<<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar1/1.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2008

FREUD, S. **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia** (1895 [1894]). Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. III.

_____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920). Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII.

_____. **Inibição, sintoma e ansiedade** (1926). Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX.

_____. **Novas conferências Introdutórias sobre a psicanálise** (1933 [1932]). Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII.

LACAN, J. (1962-1963). **O seminário. Livro X: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACADEÉ, P. A bússola do sim e do não. **Cien digital**, Belo Horizonte, n.16. mai. 2014.

Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/ciendigital/n16/hifen.html>>

Acesso em: 23 jan. 2016.

_____. **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

MILLER, J.A. **Introdução à leitura e referências do Seminário 10**. Opção Lacaniana, n°43, maio 2005.

VICENTE, S. **Simbolicamente Real**. In: Latusa, n°4/5. Rio de Janeiro: 2000.